

A Nigéria quer negociar com os bancos débitos de US\$ 7 bilhões

por Michael Holman e

Patti Waldmire

do Financial Times

A Nigéria solicitou ao Barclays Bank que coordene uma comissão de bancos comerciais que se deverá reunir com funcionários do governo em Londres, no dia 26 próximo, para a primeira rodada de conversações sobre o reescalonamento dos débitos bancários a médio e longo prazo do país, totalizando US\$ 7 bilhões.

As conversações serão realizadas depois que o governo nigeriano anunciou que limitaria o pagamento do serviço de sua dívida externa a 30% da receita de exportação de 1986 e tentaria reescalonar débitos a médio e longo prazo, correspondendo a cerca de US\$ 12 bilhões.

Os bancos credores estavam cada vez mais preocupados com o lento ritmo do progresso para solucionar a crise da dívida da Nigéria, exacerbada recentemente pela queda dos preços internacionais do petróleo, responsável por 95% da receita de exportação do país. "Pelo menos, é um passo concreto", disse um banqueiro.

O Barclays informou, ontem, que está enviando, por telex, o pedido da Nigéria para uma reunião a dezenove bancos na Europa e Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, uma equipe do Fundo Monetário Internacional e autoridades financeiras nigerianas deverão iniciar conversações nesta semana em Lagos, o que deverá ser acompanhado de perto pelos

bancos e governos credores. A visita foi descrita por funcionários do FMI como parte das consultas de rotina sobre aspectos técnicos e não constitui o reinício de negociações, suspensas em dezembro do ano passado, sobre um empréstimo de US\$ 2,5 bilhões do Fundo.

Mesmo assim, os banqueiros acreditam que a visita representa uma oportunidade para discussões extra-oficiais, que poderiam abrir o caminho para o reinício das negociações. Os governos credores já deixaram claro a Lagos que um acordo com o Fundo constitui uma condição prévia ao reescalonamento de sua parcela da dívida externa, que inclui cerca de US\$ 2 bilhões em débitos comerciais não segurados cobertos por agências de crédito à exportação, como a ECGD da Grã-Bretanha, Eximbank dos Estados Unidos e Coface da França.

Os bancos credores, por sua vez, não apresentaram essa mesma condição para as conversações deste mês, que são consideradas como uma rodada preliminar. Mas, na opinião de muitos banqueiros, o acordo de reescalonamento não será atingido enquanto a Nigéria não cumprir seu compromisso orçamentário de adotar uma taxa de câmbio "realista". O naira está sendo mantido em paridade com o dólar norte-americano, com uma margem de variação de 5%, embora tenha uma cotação de apenas um quinto desse valor no mercado paralelo. O acordo com os bancos reduziria o pagamento do serviço da dívida no presente ano em cerca de US\$ 1,8 bilhão, de um total estimado em US\$ 4,4 bilhões. Embora isso alivie a crise da dívida nigeriana, a maioria dos banqueiros e economistas acredita que a Nigéria também terá de manter negociações com os governos credores para que possa implementar o limite de 30% para o serviço da dívida.

Noticiário fornecido pelas agências internacionais AP, Dow Jones, Reuters, UPI e pelos jornais Financial Times de Londres, Advertising Age de Chicago, The Wall Street Journal, The Journal of Commerce e Barron's de Nova York. El Cronista Comercial e a revista Mercado, de Buenos Aires. Matérias especiais via Varig e Aerolineas Argentinas.